

Editorial.

Em seu segundo número, a Revista-Valise mantém o intuito de propor um espaço de diálogo entre pesquisadores do campo das artes visuais e de áreas afins, por meio da divulgação de pesquisas realizadas por autores de diversas partes do país. Conservando sua estrutura original, que conta com artigos avaliados por pares, tradução e ensaio visual, a Revista-Valise apresenta neste número treze trabalhos.

O artista convidado para o ensaio visual é Paulo Bruscky, com o trabalho *Bruscky Invent's*, a quem agradecemos por autorizar a publicação das imagens, que, originalmente, integravam um livro impresso. É importante destacar o fato de as imagens terem sido cedidas pela Coleção Especial de Livros de Artista da Biblioteca da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, por intermédio do Professor Amir Brito Cadôr. A eles somos igualmente gratas.

A tradução do texto *Aprendendo a viver com o pluralismo*, de Arthur C. Danto, também integra a presente edição. Agradecemos ao Professor Danto a permissão para apresentar ao público brasileiro esse relevante ensaio sobre o surgimento e os possíveis desdobramentos da adoção do termo *pluralismo* pela área das artes visuais.

Os demais artigos que compõem este número foram selecionados dentre as submissões remetidas. A chamada de trabalhos foi realizada entre os meses de agosto e setembro, sendo que um total de 32 textos foi submetido à rigorosa avaliação cega por pares.

Abre a seção de textos o artigo *Patrimônio Ideológico*, de Mabe Bethônico e Maíra Fonte Boa, que parte da implementação de museus pelo Estado de Minas Gerais em parceria com instituições privadas, que integram a Praça da Liberdade em Belo Horizonte. Ao observar a forma de gestão desses locais por empresas mineradoras privadas, os autores questionam como as propostas pedagógicas e



discursos são antes instrumentos legitimadores da credibilidade das empresas do que da memória cultural e crítica.

A seguir, Ruth Souza pensa a metodologia da pesquisa em arte a partir de sete propostas inspiradas no jogo de xadrez, em: *Pesquisador como estrategista: sete propostas estratégicas inspiradas no jogo de xadrez e aplicadas à metodologia da pesquisa em arte*.

Ricardo de Pellegrin, em *O ruído como indício da técnica: uma possibilidade poética na pintura contemporânea*, aborda sua própria produção artística, pautada pela realização de telas que se articulam com a fotografia e o cinema, sob o ponto de vista da investigação das possibilidades das imagens poéticas perpassadas pelo ruído como indício do uso de aparatos técnicos.

Gilda Sabas traça, em *A pintura e a poesia de Ismael Nery*, uma análise do artista como sujeito lírico de suas obras, acompanhando as semelhanças entre sua obra pictórica e literária.

Já Richard Santiago Costa, partindo de algumas pinturas de Albert Eckhout, reflete sobre como este artista contribuiu para o “empreendimento colonizador da Companhia das Índias Ocidentais no nordeste brasileiro”, além de analisar de que forma estas obras são alegorias do êxito e do desenvolvimento do governo do Conde Maurício de Nassau.

Apoiado na filosofia de Walter Benjamin e na leitura complementar de Terry Eagleton, Caio Yurgel questiona em seu artigo se estamos para sempre sujeitos a condenar o contemporâneo.

No texto *Entre Ruínas: Anselm Kiefer e os anjos da melancolia*, Talita Mendes aborda a obra *Melancholia*, de Kiefer, em conversa com a obra de Dürer, atravessada pela problematização da história linear elaborada por Walter Benjamin.

Em seguida, Anamaria Brasil Miranda apresenta reflexões acerca de uma leitura psicanalítica sobre o documentário *Tabou*, realizado por Orane Burri, em 2009. Sob o viés da morte de uma utopia, tenta-se desvendar o que Thomas, o protagonista, denuncia do laço social para, a partir disso, pensar questões do contemporâneo.

Em *Entre a presença plena e a ressonância impalpável: um olhar sobre o vazio na obra de Mira Schendel*, Marcelo de Carvalho Borges, aborda as composições de palavras e elementos linguísticos criados pela artista, como vazio e transparência.



Para tanto, apoia-se, principalmente, no pensamento de Anne-Marie Christin, explorando a influência da imagem e da superfície na escrita.

Mariana Silva da Silva, em *Gestos do contato: dois livros de artista e sua relação com a fotografia*, analisa sua produção artística, partindo do livro de artista como veículo poético e do uso da fotografia nesse contexto.

Por fim, *A fotografia como alegoria do outro*, de Rafael Pagatini, traz a investigação da fotografia como ferramenta de significação na atualidade, pela via de sua possibilidade de perda e permanência, mediada pelos conceitos de fotograficidade e alegoria.

Ao término desse primeiro ano de trabalho, a Revista-Valise conserva o desejo de contribuir com a promoção do conhecimento na área das Artes Visuais. Por meio da difusão das questões e assuntos abordados pretende-se ampliar e aprofundar reflexões e trocas entre pesquisas, processos e experiências artísticas na contemporaneidade, tanto em investigações sob o ponto de vista poético, quanto crítico, histórico e de transversalidades. Agradecemos aos autores por confiarem suas produções à revista; aos conselheiros e avaliadores *ad hoc*, pela disponibilidade em colaborar com o projeto; e aos leitores por garantirem a concretização do diálogo aqui proposto.

As editoras.

